

SANTOS JÚNIOR



ANTROPOLOGIA

DE

MOÇAMBIQUE



379)(04)







SANTOS JÚNIOR

Professor de Antropologia na Universidade do Porto  
e Chefe da Missão Antropológica de Moçambique

# ANTROPOLOGIA DE MOÇAMBIQUE



TRANSFERENCIA AUTORIZADA  
POR DESPACHO DE 26 / 5 / 52



PORTO

1 9 5 6



ANTROPOLOGIA DE  
MOÇAMBIQUE



SANTOS JÚNIOR

Professor de Antropologia na Universidade do Porto  
e Chefe da Missão Antropológica de Moçambique

ANTROPOLOGIA DE  
MOÇAMBIQUE



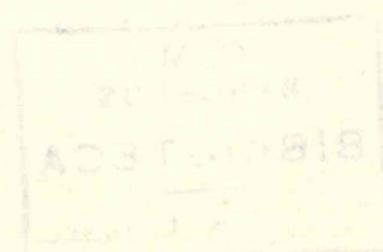
*Barcelos* *Porto*

PORTO

1 9 5 6

EXTRACTO  
DO  
«DIÁRIO DA MANHÃ»

Número extraordinário, comemorativo da viagem de Sua Excelência o Senhor Presidente  
da República à Província Ultramarina de Moçambique  
Lisboa — Setembro — 1956



**S**ENDO a Antropologia a história natural do Homem, observado em qualquer das suas múltiplas actividades e manifestações individuais, e, muito especialmente, colectivas, não é de admirar que um tão vasto e apaixonante capítulo da ciência tenha, dia-a-dia, importância crescente, não só como ramo da ciência pura mas também como frutuosa e rica em aplicações práticas.

Isto faz da Antropologia uma das mais importantes ciências da actualidade, dado o seu extraordinário interesse humano, social e político.

A Antropologia procura ascender a uma compreensão integral do Homem.

Por isso a Antropologia tem de lançar mão de grande número de conhecimentos fornecidos pela Anatomia, Fisiologia, Psicologia, Etnografia, História, Linguística, Sociologia, Economia Política, etc. Os elementos respeitantes ao Homem, fornecidos por estas ciências subsidiárias, são tomados pela Antropologia, por ela joeirados, apreciados e estruturados em corpo de doutrina. Esta característica integrante da Antropologia, sem dúvida um dos seus mais preciosos atributos, mais avulta se nos lembrarmos que os homens são uma síntese de corpo e de alma, de soma e de espírito. À Antropologia compete o estudo dos agrupamentos humanos (raças, povos, etnias, castas, tribos, clãs, etc.) simultaneamente nos aspectos somático e psico-cultural e, tanto quanto possível, na sua evolução, o que nos leva à Arqueologia e à Pré-história.

\*

O nosso Governo, consciente das suas responsabilidades políticas e do grande interesse do conhecimento integral, que o mesmo é dizer antropológico lato sensu, das populações indígenas das nossas províncias

ultramarinas, publicou o decreto 34.478 (D. G. de 3 de Abril de 1935) que regula a organização e envio de Missões Antropológicas aos nossos domínios ultramarinos, para o estudo das respectivas populações sob o ponto de vista bio-étnico.

Era então Ministro das Colónias o Dr. Francisco Vieira Machado, criador e impulsionador da Missão Antropológica de Moçambique.

Nos últimos 20 anos foram enviadas Missões Antropológicas à Guiné, a Angola, a S. Tomé, a Moçambique e a Timor.

Pelo que respeita a Moçambique, a Missão foi criada em 1936 e dela fui nomeado chefe. Fizeram-se 6 campanhas nos anos de 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955. Isso permitiu o global reconhecimento antropológico da nossa província do leste africano que, em números redondos, tem 771.000 km<sup>2</sup>, 2.600 km de costa e uma população de 5.646.957 pretos, segundo o censo de 1950.

Mercê de várias circunstâncias, a actividade da Missão Antropológica de Moçambique tem sido intermitente. Publicaram-se 44 trabalhos sobre Antropologia Física, Somatologia ou Raciologia, Psicotecnia, Etnografia, e Pré-história.

Trabalhos da autoria não só do chefe da Missão, mas também dos seus dedicados colaboradores: srs. Dr. António Augusto, Norberto dos Santos e Luís Santos.

Os abundantes materiais em arquivo têm fornecido elementos para uma larga série de lições e conferências feitas em Lourenço Marques, Beira, Nampula, Porto, Lisboa, Madrid e Paris.

Os trabalhos de gabinete para o estudo total dos elementos colhidos devem prosseguir. As necessárias dotações e o pessoal indispensável permitirão aproveitar, integralmente, os importantes materiais que foram colhidos com tanta despesa, com tantos sacrificios e, por vezes, com extrema dedicação.

\*

Um dos objectivos fundamentais das missões antropológicas, como estabeleceu o decreto 34.478, de 3 de Abril de 1935, que as criou, é o conhecimento dos grupos étnicos de cada um dos nossos domínios ultramarinos, ou seja, a elaboração das respectivas cartas etnológicas.

Quem se der ao trabalho de comparar as cartas etnológicas de Moçambique, que foram elaboradas por vários autores e por nós mesmo, verificará quanto as mesmas diferem entre si e quanto estavam longe de representar a verdadeira estruturação tribal moçambicana. A colheita de elementos para a sua elaboração tinha de fazer-se em múltiplas publicações. Algumas, sem dúvida, bastante precisas, mas outras, infelizmente, sem aquele rigor científico que é absolutamente imprescindível em publicações de tal natureza. Algumas cartas, se não eram pròpriamente um delírio de imaginação, tinham tanto de imprecisão, reflectia-se nelas tão largamente o critério de mais ou menos, que, no preenchimento das falhas e na resolução de dúvidas, muito deve, em alguns casos, ter operado a fantasia.

Hoje, graças às 6 campanhas da Missão Antropológica de Moçambique, que tive a honra de chefiar, temos uma carta etnológica, a qual, nas suas linhas gerais, corresponde à distribuição e constituição tribal dos pretos da nossa província do leste africano.

Se é certo que contactámos directamente com as tribos e subtribos moçambicanas (contacto em suficiência de tempo e tão apertado quanto o permitia a vastidão das pesquisas a levar a cabo), não é menos certo que muitos elementos nos foram gentilmente fornecidos.

Foi muito frutuosa para os nossos estudos a troca directa de impressões com múltiplas entidades oficiais ou particulares, bem como a consulta de muitos relatórios arquivados em quase todas as sedes de circunscrição e até em alguns postos administrativos. Funcionários do quadro administrativo, médicos, missionários, militares e, dum modo geral, todos os brancos com quem estabelecemos contacto, prestaram-nos muitos esclarecimentos que íamos completando com a observação directa e joeirando em análise crítica.

Na carta que elaborámos ao fim de 6 campanhas de árduos trabalhos de campo figuram 80 designações etnológicas. Observámos muitos milhares de indígenas de quase todas elas e temos em arquivo mais de 12.000 fichas antropológicas, com uma média de 20 medidas cada uma. Num certo número de índices de maior importância antropológica estão já feitas umas 80.000 determinações, dum boa parte das quais se fizeram as seriações e calcularam as médias, os desvios padrões e seus erros prováveis. Estes milhares de números, apreciados estatisticamente, hão-de fornecer elementos para a apreciação somática das tribos e suas relações de similitude ou diversidade.



As designações que figuram na carta da fig. 1 são muito diferentes, quanto à importância demográfica dos respectivos grupos. Se as há que correspondem a dezenas ou centenas de milhares de indígenas, ou mesmo a mais, — como sucede, por exemplo, com os Macuas, que se computam em mais de um milhão—, há-as, porém, que correspondem apenas a algumas centenas de indivíduos ou escassos milhares, como sucede por exemplo com os Goas, Pimbes, Bahócas (ler o *h* aspirado) e Ndôngüês.

É grande o interesse científico do estudo destas tribos de número reduzido de indivíduos, possivelmente em via de extinção devido à natural absorção sobre elas exercida pelos agregados circundantes, numericamente mais importantes e dotados de maior vitalidade biológica. Cumpre estudá-las integralmente quanto antes. As designações que figuram na carta da fig. 1 devem possuir valor sistemático, como indicativas de agregados tribais ou de subtribos.

Cada agregado tribal é, por via de regra, conhecido entre os indígenas por vários nomes. Há que escolher o nome mais conveniente numa tarefa que nem sempre é fácil. Há que averiguar a origem e o modo como evoluíram certas designações tribais, para se apreciar com justeza a amplitude ou restrição do seu significado.

No trabalho que apresentei ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950) — *Carta Etnológica de Moçambique* — abordei este assunto. Ocupei-me da origem e significado de algumas designações, tais como: Macuas, Vátuas, Angones, Ajauas os Yaos, Macangas, Maraves, Thongas (ler o *h* aspirado), Côtis, Erátis, Lómuês Mârrovónes e Tsuas.

Há que averiguar, dentre as várias designações atribuídas ao mesmo agregado étnico, qual é aquela que corresponde ao autochamamento, isto é, pela qual os indivíduos do grupo se designam a si mesmos, e quais as que correspondem a nomes dados por outras tribos.

Um grupo étnico que se deslocou em massa muda, muitas vezes, o seu designativo.

O estudo das designações étnicas assume, por vezes, grandes dificuldades e conduz a resultados imprevistos.

Um exemplo: os Chênguas, que, segundo alguns autores, constituíam uma tribo do Sul-do-Save, não são uma tribo nem sequer uma subtribo.

A designação existe, mas sem significado etnológico, apenas com sentido geográfico ou, melhor, ecológico.

*Mghêngüène* (gh gutural e aspirado) é nome que significa terra sem água, árida, agreste. Os pretos chamam mghêngüès ou m'ghêngüés (aportuguesando, pode escrever-se m'chêngüès ou só chêngüès) às gentes que vivem no m'ghêngüène. Esta região, extenso areal onde a água escasseia (os indígenas fazem reservas de água nas melambeiras ou boabás), é confinante das circunscrições do Alto Limpopo, do Govuro e da Massinga, e formada especialmente pelo triângulo Saúte, Mabote e Chigubo. Nela há sobretudo Changanes e Tsuas. Quer dizer, há «M'ghêngüès Changanes» e «M'ghêngüès Tsuas». A designação geográfica ou, melhor, ecológica m'ghêngüè, modificada e aportuguesada para Chêngüè ou Chêngüa, foi considerada, erradamente, com valor etnológico. Ela tem apenas valor ecológico e justapõe-se às designações etnológicas.

Outro exemplo: Os pretos das cercanias de Lourenço Marques têm sido correntemente designados com o nome de Rongas. Pois bem; tanto quanto pude averiguar, estes pretos designam-se a si mesmos Jongas ou Djongas (é difícil às vezes distinguir o *d* inicial). Por isso, na carta etnológica que elaborei, substituí a antiga designação por aquela que, suponho, corresponde a autochamamento.

Há designações que têm acentuado significado pejorativo. Outras têm puro significado geográfico e parecem não corresponder a uma estruturação somatológica ou cultural bem definida. Por isso, não abrangem a totalidade do grupo étnico. O Dr. Américo Pires de Lima, distinto Professor da Universidade do Porto, no seu trabalho *Contribuição para o estudo Antropológico dos Indígenas de Moçambique*, Anais da Faculdade de Medicina do Porto, Vol. IV, 1918, diz que os Macuas foram os mais atrasados e inferiores dos indígenas que observou. Eram alvo do desprezo dos indígenas das outras tribos e nada era mais ofensivo para um Landim do que chamar-lhe Macua. Em contraposição, os Macuas do Medo proclamavam a sua qualidade de Macuas sem o menor reboço e nenhuma espécie de constrangimento. É afrontoso chamar Tonga a um Choipe ou a um Changane. As designações até agora correntes de Tongas-Chopes e de Tongas-Changanes não têm razão de existir como designação etnológica. Tonga é palavra que significa escravo e este nome teria sido dado pelo Gungunhana às tribos que dominou ou venceu. Com estes vencidos formou

um corpo de carregadores e de tropas de choque. Estas constituíam a vanguarda e a protecção do seu exército.

Podíamos alargar as considerações sobre o significado mais ou menos afrontoso de muitas designações étnicas, mas há que passar adiante.

Nas várias campanhas da Missão Antropológica de Moçambique, tanto eu como os meus companheiros não deixámos de recolher notas, mais ou menos circunstanciadas, sobre as línguas das diferentes tribos com que estabelecemos contacto. A Linguística é um elemento importante na des-trinça do parentesco dos diferentes e complexos agregados étnicos moçambicanos. O seu estudo só poderá ser levado a cabo por um linguísta possuidor de conveniente preparação filológica. Ainda bem que no ano de 1953 foi criada a Missão de estudos de Linguística banta de Moçambique.

Não só a Linguística mas também a Serologia serão elementos de grande auxílio para o estudo das afinidades raciológicas. Dentro das nossas possibilidades de tempo e de pessoal, procedemos a determinações de grupos sanguíneos. O número de observações feitas — 1.311 — é pequeno. Está longe de atingir o número indispensável para que os resultados tenham indiscutível valor estatístico. Apesar disso, dei sobre elas uma nota sumária no já mencionado trabalho *Carta Etnológica de Moçambique*, publicado nas Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950). Nela realço a importância dos grupos sanguíneos no rastreio de afinidades e diversidades tribais.

\*

Dissemos de entrada que a Antropologia procura ascender à compreensão integral do Homem. Este é um conjunto de corpo e de espírito. Os testes psicológicos permitem apreciar, com relativa segurança, as capacidades de ordem intelectual e afectiva. O estudo psicológico dos indígenas, para avaliação das suas capacidades e tendências, é matéria de extraordinária importância económica, social e política.

Por isso, é desnecessário encarecer o alto interesse dos estudos de Psicotecnia.

A partir de 1945, nas 3.<sup>a</sup> (1945), 4.<sup>a</sup> (1946) e 5.<sup>a</sup> (1948) campanhas, a Missão teve em trabalhos de campo a sua brigada de estudos psicotécnicos. Infelizmente na 6.<sup>a</sup> campanha (1955) estes estudos não prosseguiram. Foi

pena. Na 3.<sup>a</sup> campanha foi chefe desta brigada o Dr. António Barradas, médico e professor do Liceu Salazar, de Lourenço Marques: na 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanhas a chefia da mesma brigada foi entregue ao Dr. António Augusto, antigo inspector escolar da Província de Moçambique.

O primeiro destes colaboradores, já falecido, devia possuir os elementos que colheu, não entregou e conservou inéditos.

O segundo já publicou vários trabalhos, a saber: *Medições de inteligência de algumas tribos indígenas da Zambézia e do Niassa—Moçambique*; *Estudos psicotécnicos — Nível intelectual de algumas tribos de Moçambique*; *A evolução intelectual das crianças pretas de Moçambique*; *Inteligência global dos Macuas*.

Em boa hora lhe foi confiada a tarefa.

Dos trabalhos deste excelente colaborador da Missão extraio a maior parte dos elementos que se seguem.

O preto, apreciado nas suas capacidades e tendências psicológicas, possui um conjunto de atributos e de manifestações, quer pessoais quer colectivas, que se estruturam de modo especial e muito importa conhecer na sua essência e no seu conjunto.

Já em 1927 o General Vicente Ferreira, que foi engenheiro muito distinto e prestigioso alto comissário de Angola, escreveu: «É tão complicada, na sua aparente simpleza, a psicologia do homem preto, misto de criança e de adulto, de puro selvagem e de homem sociável, com as suas arreigadas tradições, para nós quase incompreensíveis, de clãs e tótemes, de arrogante independência e passiva submissão, de feiticismos, de práticas rituais extravagantes, ora inofensivas e ingénuas, ora perigosas e cruéis, que os mais finos perscrutadores de almas têm recuado, perplexos, perante as profundezas da alma do negro».

Servindo-se dos testes de Yerkes, que são modificação da escala de Binet e Simon, o dedicado colaborador da Missão, sr. Dr. António Augusto, procurou avaliar a inteligência dos negros, isto é, conhecer o valor das faculdades anímicas de que o indígena se pode socorrer para atingir um fim proposto ou para vencer uma dificuldade que lhe surja no caminho.

«Ao conjunto destas faculdades (atenção, percepção, compreensão, imaginação, memória, e outras) damos o nome de inteligência global, a qual não deve confundir-se com a inteligência especial para determinada

actividade. Foi esta inteligência global que se mediu pelos 20 testes da escala de Yerkes, em 888 indígenas adultos, pertencentes a várias tribos de Moçambique. Para cada tribo determinou-se a cota do nível intelectual, que é a soma dos valores obtidos nos 20 testes de Yerkes e o perfil intelectual que é dado pelas valorizações médias em cada teste.»

Do trabalho do sr. Dr. António Augusto *Estudos psicotécnicos—Nível intelectual de algumas tribos de Moçambique*, extraio os resultados expressos no quadro que segue, onde pretendo estabelecer a comparação das cotas representativas do nível intelectual de homens e mulheres de algumas tribos de Moçambique.

### HOMENS

TRIBO	N.º de casos	COTAS		
		Máxima	Mínima	Média
Pozos ou Podzos . . . . .	12	60	31	46,6
Alolos . . . . .	28	69	40	49,5
Senas . . . . .	56	88	31	57,5
Macuas . . . . .	250	92	34	59,5
Ajauas ou Djauas . . . . .	31	77	46	62,4
Nianjas ou Nhanjas . . . . .	31	82	50	62,9
Suãilis . . . . .	31	78	53	69,5

### MULHERES

TRIBO	N.º de casos	COTAS		
		Máxima	Mínima	Média
Lómuês . . . . .	41	58	8	40,5
Macuas . . . . .	78	69	21	45,4
Ajauas ou Djauas . . . . .	17	64	38	52,7

Verifica-se, em face dos resultados expressos nestes quadros, que há tribos de média intelectual baixa, outras de média razoável e algumas de média relativamente alta.

Sem dúvida que o número de casos de algumas séries é muito pequeno. Só depois de suficientemente aumentado se poderão obter elementos estatísticos seguros.

Dos indígenas estudados pela Missão foram os Suãilis que deram provas de serem melhor dotados.

Nas séries de mulheres indígenas a média intelectual é inferior à dos homens. É possível que isto crie à mulher preta a sua bem notória inferioridade nos respectivos lares, se bem que, neste particular, muito seja também de considerar a tradição.

As pesquisas meticulosamente feitas pelo sr. Dr. António Augusto permitiram-lhe escrever: «A baixa média no nível intelectual das tribos indígenas estudadas não obsta a que haja nelas indivíduos de inteligência superior (o que aliás se verifica nas cotas máximas registadas) capazes de, recebida a conveniente cultura, desempenharem altas funções na vida científica, literária, económica e política da Nação a que pertencem. A percentagem destes valores é que é relativamente pequena».

Na mesma publicação (*Nível intelectual de algumas tribos de Moçambique*, pág. 73) o sr. Dr. António Augusto, depois de várias considerações sobre o nível intelectual dos pretos, termina por concluir:

«Quando estas tribos viveram isoladas, gozando de independência política, a forma do seu governo foi, e tinha de ser, absoluta e despótica. Hoje, e por maioria de razões no futuro, no convívio e independência das nações, as tribos de condição intelectual idêntica à das que a Missão Antropológica observou, só podem viver e prosperar conservando-se sob a tutela das nações de superior nível mental ou nelas incorporadas.»

Oxalá que os estudos de Psicotecnia dos indígenas melanodérmicos de Moçambique possam prosseguir, num ritmo que não foi possível atingir nas 6 campanhas feitas, cujos trabalhos foram essencialmente de prospecção.

\*

Conforme atrás escrevi, à Antropologia compete não só o estudo somático e psico-cultural dos agrupamentos humanos na sua estruturação, manifestações e capacidades actuais, mas também, tanto quanto possível, na sua evolução passada. Isto nos conduz à Arqueologia e à Pré-história.

Pelo conhecimento da evolução cultural dos tempos remotos até à actualidade, conjugado com a avaliação das capacidades presentes, podem inferir-se as possibilidades, o sentido e o âmbito da evolução dum agregado populacional.

Por isso, duma Missão Antropológica deve fazer parte uma brigada de estudos arqueológicos e pré-históricos.

A Missão Antropológica teve a sorte de, nas várias campanhas realizadas, descobrir algumas estações paleolíticas e mesolíticas, bem como algumas estações de pinturas rupestres.

Na carta anexa fig. 2 indicamos a distribuição de estações líticas, de abrigos com pinturas rupestres e de recintos muralhados ou «zimbauês».

Em face desta carta verifica-se a existência de 3 núcleos de maior densidade de achados pré-históricos, a saber: no norte, o distrito de Tete com numerosas estações nos terraços do rio Zambeze e arte rupestre nas áreas do Fingoè e do Furancungo; no centro, o distrito da Beira com algumas estações líticas importantes nos terraços fluviais do rio Búsi, e os Zimbauês em torno de Vila Gouveia e a sul de Vila Pery; no sul, o mais importante de todos, com numerosas estações líticas nas margens (terraços fluviais) dos rios Limpopo, dos Elefantes, Sábìè, Incomáti e Umbelúzi.

A norte do rio Save há mais de 50 estações líticas, a maior parte das quais foram descobertas pela Missão Antropológica.

Mas é no sul, no distrito de Lourenço Marques, sobretudo nas bacias dos rios Limpopo, Incomáti e Umbelúzi, que a sua quantidade é maior. Ali são conhecidas umas dezenas de estações descobertas pelos Eng.<sup>os</sup> Lerenó Antunes Barradas, Alexandre Borges e Bettencourt Dias. Só este último descobriu nada menos de 44 estações e 4 cavernas.

Dada a pequenez da escala da carta da fig. 2 e a quantidade de estações nas bacias dos rios Sábìè, Incomáti e Umbelúzi, os pontos que nela figuram na zona correspondente a estes três rios não são de localização precisa. Pretendeu-se com aquele amontoado de pontos, cujo número é muito inferior ao das estações ali conhecidas, realçar a extraordinária riqueza de estações líticas naquela região.

Oxalá que ao Eng.<sup>o</sup> Bettencourt Dias possa ser cometida a importante tarefa dos estudos da Pré-história de Moçambique.

Pela sua boa preparação, pelo vasto conhecimento que já tem das regiões a estudar e pela paixão que nutre pelos estudos arqueológicos, o Eng.<sup>o</sup> Bettencourt Dias é a pessoa naturalmente indicada para chefe duma futura Missão de estudos da Pré-história moçambicana.

Importa, quanto antes, elaborar a carta da Pré-história de Moçam-

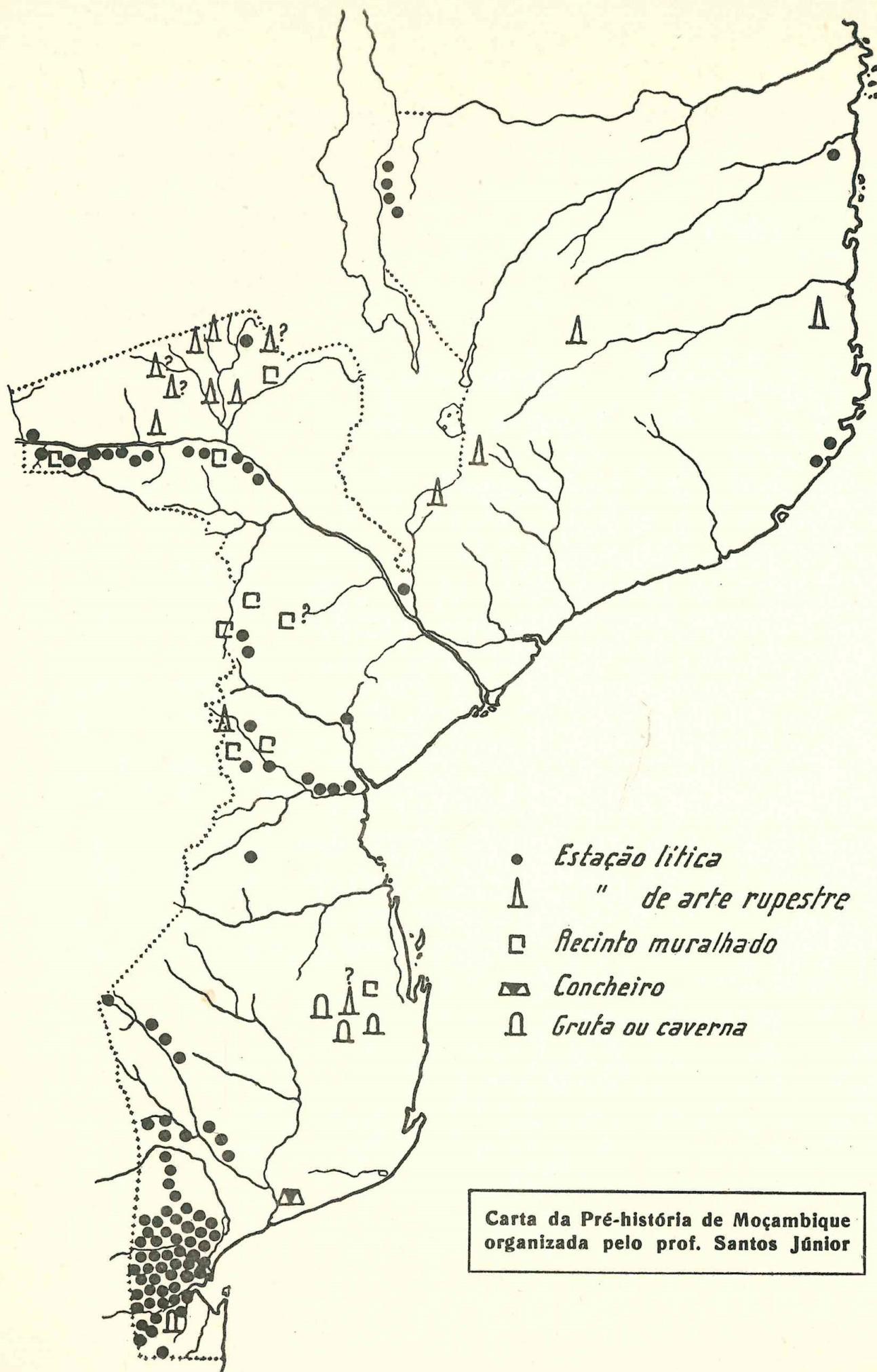


Fig. 2

bique completando a que publiquei em 1950 e agora se reproduz com alguns acrescentos. Não se indicam os nomes das respectivas estações para a não sobrecarregar com um chuvaireiro de legendas.

No que respeita ao paleolítico, pode dizer-se que, dum modo geral, as indústrias líticas moçambicanas são do mesmo tipo das que se encontram na União Sul-Africana e nas Rodésias, muitas do paleolítico inferior, médio e superior, algumas do mesolítico (middle stone age complex) e outras mais evoluídas do tipo da cultura de Wilton. Há algumas peças do neolítico.

Quanto às pinturas rupestres — um dos mais apaixonantes capítulos da Pré-história sul-africana — Moçambique possui já um lote de estações que lhe conferem lugar de relevo.

No trabalho *Les peintures rupestres de Mozambique*, que, em 1952, apresentei ao Congresso Pan-Africano de Argel, realcei o facto de algumas das pinturas rupestres moçambicanas, que tivemos ensejo de estudar, constituírem documentos ímpares. Não se conhece além-fronteiras, pelo menos até agora, nada de semelhante às pinturas do Chifumbázi é sobretudo às de Chicolone e às de Riane. O distinto pré-historiador de renome mundial e meu querido amigo Prof. Abbé Breuil, a quem mostrei reproduções e fotografias das pinturas de Riane, foi da minha opinião quando afirmou que não conhecia nada que se lhes pudesse comparar.

Em face do estudo global que fiz das pinturas rupestres da nossa província do leste africano concluí que, quanto à arte rupestre, Moçambique forma uma Província cultural de características bem definidas.

Impõe-se o estudo monográfico de todas as estações conhecidas.

Estou convencido de que muitas outras estações de pinturas rupestres se descobrirão se for feita uma prospecção cuidada. Tenho o sentimento de que, sobretudo no distrito de Tete, há muitos abrigos com pinturas, 10, 15, 20, ou mesmo mais, que, com o tempo, se hão-de vir a descobrir.

Registe-se a circunstância de esses locais com pinturas serem quase sempre «Muzimos», lugares sagrados onde os indígenas prestam culto às almas dos seus mortos.

Isto leva os pretos a procurarem, sistemáticamente, afastar os brancos destes locais.

Os trabalhos que passei para visitar as pinturas rupestres de Chi-

colone, onde infelizmente sofreu um acidente grave, se os contasse, seriam exemplo flagrante do que afirmo no período anterior.

É minha convicção que, se forem intensificados os estudos da Pré-história, Moçambique poderá fornecer documentos ainda mais importantes do que aqueles até agora descobertos. Tais documentos são fundamentais para o estudo do povoamento da África meridional desde épocas remotas, bem como das relações culturais ao longo dos tempos pré-históricos.

Os recintos muralhados ou «Zimbauès» constituem um curiosíssimo capítulo da arqueologia de Moçambique.

São conhecidos alguns, que estudámos. Estou certo de que outros hão-de aparecer. Ainda na campanha de 1955 visitámos próximo de Vilanculos um pequeno «Zimbauè» em ruínas, conhecido pelo nome de «Manhè-quène», cuja existência se conserva inédita, e foi descoberto em 1954 pelo administrador Alberto Rocha e pelo grande proprietário e comerciante de Vilanculos sr. Joaquim Alves.

É muito importante, é enorme, a tarefa a levar a cabo no campo da Pré-história moçambicana, sobre a qual, entre outros trabalhos, publiquei *On the prehistory of Mozambique* e *Carta da Pré-história de Moçambique*.

Oxalá que sejam criadas as necessárias condições para um ambiente de plenas e frutuosas realizações.

Oxalá que os poucos que trabalham na pré-história de Moçambique — despidos de mesquinhos preconceitos de prioridade ou de outras naturezas, antes irmanados num justo sentido de cooperação —, possam continuar, com brilho crescente, na vastíssima e importante tarefa de estudos da arqueologia de Moçambique, onde tantos problemas, tão sugestivos e extraordinariamente interessantes, estão postos em equação, e muitos outros se podem prever.

\*

À Missão Antropológica igualmente compete, e bem, a tarefa importante dos estudos etnográficos.

Para mim a Etnografia é o estudo das condições de vida dos povos, da origem das mesmas e sua evolução cultural; condições de vida consideradas em relação com as influências do meio (factores biogeográficos), com o encadeamento da sucessão evolutiva expresso na tradição (factores históricos) e com as acções recíprocas por influências directas ou indirectas dos

homens uns sobre os outros (factores antropossociais). Neste último particular há que analisar as influências humanas dentro do mesmo agregado populacional (factores por via de regra condicionantes duma evolução lenta, a que podemos chamar de sublimação ou de apuro) e entre povos diferentes, com laços mais ou menos estreitos de convívio permanente ou acidental (factores que por vezes determinam mutações, isto é, modificações inesperadas, amplas e bruscas).

A Etnografia, como é sobejamente conhecido, ocupa dentro da Antropologia uma tão grande importância que, sendo embora um capítulo de estudos antropológicos, há muito adquiriu foros de cidadania.

A Etnografia é hoje um corpo de doutrina bem estruturado com os seus métodos de trabalho, com os seus problemas e com as suas altas preocupações e finalidades.

Entre os 44 trabalhos publicados pela Missão Antropológica de Moçambique, 14, meus e dos meus colaboradores, são de Etnografia. Neles se focam aspectos de natureza diversa, tais como, tatuagens, mutilações auriculares e dentárias, «muzimos», «menepas», batuques e outras cerimónias gentílicas.

O grande trabalho sobre Etnografia de Moçambique, que é, não só o melhor trabalho etnográfico moçambicano, mas, também, um dos melhores, senão o melhor, de toda a África sobre tal matéria, é o livro modelar do ilustre missionário suíço H. Junod. Este livro foi publicado primeiro em inglês em 1910 (*The life of a South African Tribe*), depois (1936) traduzido para francês (*Mœurs e Coutumes des Bantous — La vie d'une tribu sud-africaine*) e, em 1944, publicada uma edição em português, pela Imprensa Nacional de Lourenço Marques, com o título: *Usos e costumes dos Bantos — A vida duma tribo sul-africana*. São dois esplêndidos volumes, cada um com mais de 500 páginas; o 1.º trata da vida social e o 2.º da vida mental dos pretos das cercanias de Lourenço Marques.

Infelizmente a natureza dos trabalhos das 6 campanhas da Missão Antropológica, essencialmente de prospecção, na fase de reconhecimento a que tivemos de proceder, não permitiam senão curtas permanências nas muitas regiões que tínhamos de visitar.

Um trabalho a fazer será a elaboração de monografias no género da de Junod nas tribos mais importantes de Moçambique. Isso implica a permanência de um a dois anos em cada região a estudar.

Se tivéssemos tido tempo, seria interessantíssimo averiguar nos indígenas da região de Lourenço Marques, até que ponto eles conservam ou modificaram os usos e costumes que Junod primorosamente nos deixou estudados no seu belo livro.

O grau de sobrevivência das culturas primitivas e os aspectos evolutivos resultantes de contactos culturais seriam temas extraordinariamente sugestivos a estudar cuidadosamente. Fornecer-nos-iam ensinamentos sobre a possibilidade da gradação evolutiva dos indígenas.

Um outro trabalho, que não pode deixar de citar-se, é o livro do Dr. Gonçalves Cota, *Mitologia e direito consuetudinário dos indígenas de Moçambique*, onde nos deu tantos, e por vezes tão interessantes, apontamentos referentes à etnografia dos pretos moçambicanos.

Há algumas monografias e pequenos trabalhos publicados por vários autores, alguns dos quais são distintos funcionários do quadro administrativo.

Na sessão solene de encerramento da «Semana do Ultramar Português» fiz, em 29 de Abril de 1950, na Sociedade de Geografia de Lisboa, uma conferência que intitulei: *A alma do indígena através da Etnografia de Moçambique*.

A alma dum povo pode apreciar-se através das experiências psicotécnicas mas pode também avaliar-se através dos seus usos e costumes, do seu comportamento histórico.

No que respeita a Moçambique, embora tenhamos já algumas colheitas, e de bom quilate, escasseiam os amplos materiais para se poderem elaborar afirmações concludentes.

Urge coligi-los, e quanto antes.

\*

Não me parece que a administração política e a utilização económica das populações ultramarinas possam fazer-se sem orientações inspiradas nos resultados de trabalhos etnográficos cientificamente conduzidos.

Erraria gravemente quem supusesse todas as populações susceptíveis de se aferirem pelo mesmo padrão psicológico.

No que respeita aos naturais melanodérmicos de Moçambique, pelos estudos que fiz em 6 campanhas, sou, desde já, levado a concluir — à parte

o que neles há de comum com a condição humana doutros povos e com os Bantos em especial — que a sua psicologia não pode aferir-se em todas as tribos por um mesmo tipo único.

Os melanodérmicos de Moçambique oferecem, pois, diversidade de interesse político-social. Seria grave erro afrontarem-se bruscamente nalgumas das suas crenças e tradições mais arraigadas.

Há que evolucionar lentamente.

Nada no mundo escapa à lei inflexível da evolução.

A humanidade, somatório de unidades vivas, e, como tal, unidade viva também, é susceptível de se desenvolver gradual e progressivamente.

Não se julgue, porém, que se conseguiu fazer evoluir o homem mudando o seu «habitat» e aparência externa, se ele conserva a alma antiga, se não mudaram os seus conceitos acerca dos princípios de verdade, de moral e de justiça, valores eternos que devem ser os guias das relações entre os homens, qualquer que seja a sua raça ou o seu grau de cultura.

Não posso deixar de afirmar que a alma indígena moçambicana é, no conjunto, infantil. Inegavelmente, nos testes de inteligência que foram aplicados e em muitas atitudes a cada passo observadas, surgem marcadas características infantis. Citaremos dentre elas a falta de espírito de previdência, a despreocupação pelo dia de amanhã e o acentuado grau de suggestionabilidade. Temos, porém, de reconhecer que há muito de complexo, de evoluído e de misterioso naquelas almas.

Parece-me que, depois dos estudos de reconhecimento antropológico, arqueológico e etnográfico feitos pela Missão que tive a honra de chefiar, há que prosseguir nestes estudos e aprofundá-los. Novas missões devem ser criadas para, individualizadas e com largas possibilidades de tempo e de pessoal, fazerem o estudo pormenorizado da população de Moçambique nos seus múltiplos aspectos.

\*

Sem a pretensão de fazer generalizações excessivas, creio que todos aqueles que conhecem bem a gente de Moçambique estarão de acordo comigo no reconhecimento de que existe um filão de boas qualidades morais e de largas aptidões na psicologia de muitas tribos da nossa província do leste africano. Elas são possuidoras, em comum, dum grande

sentimento de justiça e de — qualidades tantas vezes apregoadas — hospitalidade e cortesia. Têm grandes possibilidades biopsíquicas. Convém no entanto não esquecer o seu acentuado grau de sugestionabilidade, que pode ser facilmente aproveitado no sentido duma política daninha.

Temos de amparar carinhosamente os negros moçambicanos.

É por demais sabido que a maior riqueza duma região, qualquer que ela seja, é o seu elemento humano.

Os indígenas de Moçambique constituem a sua maior riqueza, uma riqueza viva; são o seu melhor ouro; diamantes negros que não será difícil lapidar.

Há que prosseguir na política de equidade, de bondade, de fraternidade e de justiça, cuidando-lhes do corpo, numa hábil e profícua assistência médica, e da alma, numa larga e carinhosa assistência missionária.

Como remate, pode afirmar-se: a Antropologia fornece elementos basilares para a orientação da política indígena. Além disso, e, pelo menos do mesmo modo que todas as outras Ciências, os estudos de Antropologia do Ultramar constituem prova flagrante da preocupação inteligente e serena de fazer-se o reconhecimento científico ultramarino, espécie de novo descobrimento e conquista dos nossos domínios de além-mar, pedaços sagrados do corpo da Pátria, parte integrante do todo uno e indivisível que é o nosso quase milenário e sacrossanto Portugal.

SANTOS JÚNIOR

*Instituto de Antropologia da Universidade do Porto*

Agosto de 1956

LISTA DOS TRABALHOS DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA  
DE MOÇAMBIQUE

GRUPOS SANGUÍNEOS NOS INDÍGENAS DE TETE (ZAMBÉZIA). — Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VIII, fasc. II, Porto, 1937.

1.<sup>a</sup> CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na «Sociedade Portuguesa de Antropologia», Porto, 5 de Fevereiro de 1937.

HÍPOFALANGIA E HEXADACTILIA EM INDÍGENAS DA ZAMBÉZIA PORTUGUESA. — Trabalho apresentado à *V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa*, Coimbra, 21 de Abril de 1937.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA IDADE DA PEDRA EM MOÇAMBIQUE. — A ESTAÇÃO LÍTICA DA MARISSA (TETE). — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Dezembro de 1937.

2.<sup>a</sup> CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na «Sociedade Portuguesa de Antropologia», Porto, 1 de Abril de 1938.

SOBRE TATUAGENS EM RELEVO NOS INDÍGENAS DA ZAMBÉZIA. — Trabalho feito de colaboração com o Prof. Doutor JÚLIO BETTENCOURT FERREIRA e apresentado à *IV Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa*, Porto, 30 de Abril de 1938.

PINTURAS RUPESTRES DO CHIFUMBÁZI. — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Março de 1938.

MOÇAMBIQUE, EPOPEIA GLORIOSA DO ESFORÇO LUSÍADA. — Conferência na Semana das Colónias, Porto, 1938.

HISTÓRIA DA DESCOBERTA, OCUPAÇÃO E CONQUISTA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na Semana das Colónias, Porto, 1938.

ANOMALIAS DOS MEMBROS EM NEGROS DA ZAMBÉZIA PORTUGUESA. — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Março de 1939.

MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE — DUAS CAMPANHAS DE TRABALHO. — Conferência na «Associação dos Arqueólogos Portugueses», Lisboa, 2 de Junho de 1938.

RELATÓRIO DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA À ÁFRICA DO SUL E A MOÇAMBIQUE. — 1.<sup>a</sup> CAMPANHA DE TRABALHOS. — Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VIII, fasc. III-IV, Porto, 1938.

MISSION ANTHROPOLOGIQUE DE MOZAMBIQUE. — Publ. *Revue Anthropologique*, n.º 7-9, Juillet-Septembre, Paris, 1939.

Resumo de uma conferência feita em Paris no «Institut International d'Anthropologie» em 9 de Novembro de 1939.

MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE — 2.<sup>a</sup> CAMPANHA; AGOSTO DE 1937 A JANEIRO DE 1938. — Publ. pela «Agência Geral das Colónias», Lisboa, 1940.

PRÉ-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. no volume I dos *Congressos do Mundo Português — Pré-história e Proto-história*, Lisboa, 1940.

MUSEU COLONIAL — Publ. no volume XIX dos *Congressos do Mundo Português, Congresso Colonial*, Lisboa, 1940.

ALGUNS «MUZIMOS» DA ZAMBÉZIA E O CULTO DOS MORTOS. — Publ. no vol. XIV dos *Congressos do Mundo Português, Congresso Colonial*, Lisboa, 1940.

MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — ALGUNS RESULTADOS DE DUAS CAMPANHAS. — Trab. apresentado ao *Congresso de Saragoça da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências*, em Dezembro de 1940.

PRÉ-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência feita na «Universidade Central de Madrid» em 26 de Maio de 1941.

OS NEGROS DE MOÇAMBIQUE E ESPECIALMENTE DA ZAMBÉZIA. — Conferência feita na «Universidade Central de Madrid» em 28 de Maio de 1941.

ON THE PREHISTORY OF MOZAMBIQUE. — Publ. no documentário trimestral *Moçambique*, Lourenço Marques, Dezembro de 1941.

MISSÕES ANTROPOLÓGICAS. — Publ. nas *Actas do 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais*, Lisboa, 1941.

Este trabalho foi apresentado em sessão plenária do referido Congresso.

MAMÍFEROS ANÓMALOS DO MUSEU ÁLVARO DE CASTRO (LOURENÇO MARQUES — MOÇAMBIQUE). Trabalho apresentado à *VII Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa*, feita em Lisboa em Junho de 1941.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ANTROPOLÓGICO DOS ANTUMBAS (ZAMBÉZIA). — Trab. levado à 2.ª sessão do *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, efectuado no Porto em Junho de 1942.

MOÇAMBIQUE EPOPEIA GLORIOSA DO ESFORÇO LUSÍADA. — Palestra lida ao microfone da «Emissora Nacional», Lisboa, em 20 de Abril de 1943.

SOBRE ALGUNS CARACTERES FACIAIS E RESPECTIVAS TABELAS DE APRECIACÃO ANTROPOLÓGICA. — Trab. apresentado ao *Congresso Anatómico Luso-Hispano-Americano*, reunido em Santiago de Compostela, de 11 a 15 de Outubro de 1943.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ANTROPOLOGIA DE MOÇAMBIQUE — NHÚNGÜES E ANTUMBAS. — Tese de doutoramento na «Universidade do Porto», 1944.

TATUAGENS DE INDÍGENAS DE TETE. — Comunicação ao *Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências*, Cordoba, Outubro de 1944.

MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. na Revista *Las Ciências*, de Madrid, año IX, n.º 3, Madrid, 1944.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ANTROPOLOGIA DE MOÇAMBIQUE — ALGUMAS TRIBOS DO DISTRITO DE TETE. — Publ. do Ministério do Ultramar, Porto, 1945.

ACERCA DA ORIGEM DE PALAFITAS AFRICANAS NA REGIÃO DE GAZA (MOÇAMBIQUE). — Publicado nos trabalhos da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. X, fasc. III-IV, Porto, 1945.

CONTRIBUTION À L'ÉTUDE DE L'ANTHROPOLOGIE DE MOZAMBIQUE — QUELQUES TRIBUS DU DISTRICT DE TETE. (Résumé). — Publ. do Ministério do Ultramar, Porto, 1945.

CONTRIBUTION TO THE STUDY OF ANTHROPOLOGY OF MOZAMBIQUE — SOME TRIBES OF THE TETE DISTRICT (Summary). — Publ. do Ministério do Ultramar, Porto, 1945.

ANTROPOLOGIA COLONIAL. — Conferência feita na cidade da Beira (Moçambique), em 8 de Novembro de 1945.

COMO SE DEVE ESTUDAR UM PRETO. — Lição sobre o modo (exemplificando com um indígena) como se observam os caracteres descritivos e se tiram algumas medidas de interesse antropológico. Esta lição foi feita na Beira, em 9 de Novembro de 1945.

ANTROPOLOGIA DOS NEGROS DE MOÇAMBIQUE — APRECIÇÃO DOS SEUS CARACTERES SOMÁTICOS. — Conferência feita em Quelimane, no dia 8 de Agosto de 1946.

COMO SE DEVE ESTUDAR UM PRETO SOB O PONTO DE VISTA ANTROPOLÓGICO. — Lição feita em Quelimane, no dia 9 de Agosto de 1946. Esta lição foi semelhante à efectuada na Beira, em Novembro de 1945.

ANTROPOLOGIA COLONIAL. — Conferência feita em Nampula, no dia 6 de Outubro de 1946. Semelhante, nas suas linhas gerais, à feita na Beira, em Novembro de 1945.

MUZIMOS DO VALE DO ZAMBÉZIA COMO MANIFESTAÇÃO DO CULTO DOS MORTOS. — Conferência no «Clube de Trás-os-Montes e Alto-Douro», em Lourenço Marques, em 25 de Outubro de 1946.

MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Resumo da 4.<sup>a</sup> campanha da Missão Antropológica de Moçambique, publ. *Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais*, vol. I, Lisboa, 1946.

CAMPANHAS ANTROPOLÓGICAS DE MOÇAMBIQUE. — Conferência feita na «Escola Superior Colonial», Lisboa, 24 de Maio de 1947. Esta Conferência foi presidida pelo Sr. Prof. Doutor MENDES CORRÊA.

ALGUNS ASPECTOS DA 4.<sup>a</sup> CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE (1946). — Conferência feita na «Faculdade de Ciências» de Lisboa, em reunião da «Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais», 20 de Março de 1947. Esta conferência foi presidida pelo Prof. Doutor ANTÓNIO CÂMARA. Publ. no *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, T. xv, n.º 23, Lisboa, 1947.

ANOMALIAS PODODIGITAIS DA TRIBO DOS DEMAS. — Publ. na homenagem ao ilustre anatómico e distinto Professor da Faculdade de Medicina do Porto, Doutor JOAQUIM ALBERTO PIRES DE LIMA, Porto, 1947.

ASPECTOS DE FLUTUAÇÕES DEMOGRÁFICAS EM INDÍGENAS DE MOÇAMBIQUE. — Publ. na homenagem ao Prof. MARTINEZ SANTA-OLALLA, vol. III, *Actas y Memorias de la*

*Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, T. XXIII, cuadernos 1-2, Madrid, 1948.

TABELAS DE APRECIÇÃO DE ALGUNS CARACTERES DESCRITIVOS EM ANTROPOLOGIA. — Dissertação de concurso para Professor Ext. da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, 1948.

UM CASO DE NANISMO COMPLETO OU TOTAL NUM PRETO DE ANTÓNIO ENES (MOÇAMBIQUE), comunicação apresentada ao VI Congresso Anatómico Luso-Hispano-Americano e XIV Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, ded. ao Prof. HENRIQUE DE VILHENA, no ano do seu jubileu, Lisboa, Maio de 1949.

SOBRE «A INFLUÊNCIA AFRICANA DO PORTUGUÊS DO BRASIL» DE RENATO DE MENDONÇA. Apreciação bibliográfica publicada na «*Revista Portuguesa*», n.º 73, vol. XIV, Lisboa, 1949, págs. 107 a 110.

ALGUMAS PÁGINAS DE UM RELATÓRIO — NOTAS DE ETNOGRAFIA MOÇAMBICANA. — Comunicação feita à *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, em Sessão Científica, de 30 de Março de 1950.

A ALMA DO INDÍGENA ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência na sessão solene de encerramento da Semana do Ultramar, na Sociedade de Geografia de Lisboa, 27 de Abril de 1950. A conferência foi presidida por Sua Excelência o Subsecretário das Colónias, Senhor Eng.º Sá Carneiro. Publ. no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 7 e 8 da 68.ª série, Julho e Agosto de 1950.

NÓTULAS ETNOGRÁFICAS MOÇAMBICANAS. — Publ. na *Revista Ultramar*, Ano 3.º, n.º 20, Setembro de 1950, Lisboa, 1950.

POR TERRAS DE MOÇAMBIQUE — DA TERRA, DOS BICHOS, DA GENTE. — Conferência feita no Centro de Formação Imperial do Centro Universitário do Porto da Mocidade Portuguesa, no dia 8 de Dezembro de 1950.

PRÉCISIONS APPORTÉES A L'APPRECIATION DE QUELQUES CARACTÈRES DESCRIPTIFS EN ANTHROPOLOGIE. — Trabalho apresentado ao *Premier Congrès International d'Anthropologie Différentielle*, realizado em Paris, em Setembro de 1950, e publ. na *Revue de Morpho-Physiologie Humaine*, 4.ª Année, n.º 11, Paris, 1951.

PINTURAS RUPESTRES DE RIANE (MOÇAMBIQUE). — Trabalho apresentado ao Congresso da Sociedade Espanhola para o Progresso das Ciências, realizado em Málaga, em Dezembro de 1951.

NOTA SOBRE O TRANSPORTE DA TSÉ-TSÉ A DISTÂNCIA. — Comunicação enviada ao 1.º Congresso Nacional de Medicina Tropical, realizado em Lisboa, em Abril de 1952.

PINTURAS RUPESTRES DE MOÇAMBIQUE. — Conferência feita em Lisboa na Associação dos Arqueólogos Portugueses, no dia 9 de Maio de 1952.

CARTA ETNOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. no Tomo V, 4.ª Secção, Ciências Naturais, do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950, págs. 625 a 645.

CARTA DA PRÉ-HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. id. id. id., págs. 647 a 656.

NOTAS DE VOCABULÁRIOS INDÍGENAS DO NIASSA E DA ZAMBÉZIA. — Trabalho de colaboração com o P.º FRANCISCO CASTRO (antigo missionário de Moçambique e autor de vários trabalhos sobre a língua Macua). Publ. id. id. id., págs. 657 a 671.

NOTAS ETNOGRÁFICAS DE MOÇAMBIQUE. — Trabalho de colaboração com o Dr. FERNANDO BARROS, médico no Luabo, Moçambique. Publ. id. id. id., págs. 609 a 623.

LES PEINTURES RUPESTRES DU MOZAMBIQUE. — Publ. em «Actes du Congrès Panafricain de Préhistoire», II<sup>e</sup> Série, Alger, 1952.

NOTAS DE DEMOGRAFIA DE MOÇAMBIQUE. — Conferência feita no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, em 14 de Dezembro de 1954, sob a presidência do Sr. Prof. Doutor MENDES CORRÊA.

A ANTROPOLOGIA AO SERVIÇO DA ADMINISTRAÇÃO DO ULTRAMAR. — Conferência feita no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, em 9 de Maio de 1955. Presidiu o Sr. Prof. Doutor MENDES CORRÊA.

ANTROPOLOGIA DE MOÇAMBIQUE. — Publ. no número extraordinário do «Diário da Manhã» comemorativo da viagem de Sua Excelência o Senhor Presidente da República à província ultramarina de Moçambique, Lisboa, Setembro, 1956.

Estes 63 trabalhos e conferências foram efectuados pelo Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, chefe da «Missão Antropológica de Moçambique».

Além destes trabalhos estão publicados:

NOTA DE ETNOGRAFIA MOÇAMBICANA: A CAÇA DO ELEFANTE NO DISTRITO DE TETE. — Por JAIME LINO, antigo funcionário do quadro administrativo de Moçambique. Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, fasc. III, vol. VIII, Porto, 1938.

INTELIGÊNCIA DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS. — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, Adjunto da Chefia da Missão e Chefe da Brigada de Psicotecnia. Publ. no vol. VI de «A Criança Portuguesa», *Boletim do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, 1946-1947, Lisboa, 1947, págs. 241 a 256.

MEDIÇÕES DE INTELIGÊNCIA DE ALGUMAS TRIBOS INDÍGENAS DA ZAMBÉZIA E DO NIASSA (MOÇAMBIQUE). — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, Adjunto da Missão e Chefe da Brigada de Psicotecnia. Publ., Tomo V, vol. III, dos *Anais da «Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais»*, Lisboa, 1948.

ESTUDOS PSICOTÉCNICOS — NÍVEL INTELECTUAL DE ALGUMAS TRIBOS DE MOÇAMBIQUE. — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, Adjunto da Chefia da Missão e Chefe da Brigada de Psicotecnia. Publ. da «Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais», Lisboa, 1949.

A EVOLUÇÃO INTELECTUAL DAS CRIANÇAS PRETAS DE MOÇAMBIQUE. — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, adjunto da Chefia da Missão e Chefe da Brigada de Psicotecnia. Publ. na revista *A Criança Portuguesa*, Ano IX, 1949-1950, Lisboa, 1950.

MUTILAÇÕES AURICULARES NA TRIBO DOS SUÁILIS (MOÇAMBIQUE). — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR, Ajudante da Missão. Publ. na Homenaje ao Prof. JÚLIO MARTINEZ SANTA-OLALLA, vol. III, *Actas e Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, Tomo XXIII, Cuad. 1-3, Madrid, 1948.

IMPRESSÕES DERMO-PAPILARES DE INDÍGENAS DE MOÇAMBIQUE — I — SOBRE OS DESENHOS DAS CRISTAS DAS POLPAS DOS DEDOS DAS MÃOS. — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR, Ajudante da Missão. Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, fasc. 3-4, vol. XII, Porto, 1949.

IMPRESSÕES DERMO-PAPILARES DE INDÍGENAS DE MOÇAMBIQUE — II — NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DOS DESENHOS DAS CRISTAS DIGITAIS DAS MÃOS. — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR, Ajudante da Missão Antropológica de Moçambique. Publ. nos *Anais da «Junta de Investigações do Ultramar»* (Ministério do Ultramar), vol. V, T. VII, Lisboa, 1950.

APONTAMENTOS SOBRE A ETNOGRAFIA DOS NHÚNGÜES — CERIMÓNIAS GENTÍLICAS. — Por LUÍS DOS SANTOS, Ajudante da Missão. Publ. nos *Anais da «Junta de Investigações do Ultramar»* (Ministério do Ultramar) vol. IV, T. V, Lisboa, 1949.

ASSIMETRIA DOS MEMBROS EM NHÚNGÜES E ANTUMBAS. — Por IRENE DA CONCEIÇÃO GARCIA, Lic.<sup>da</sup> em C. Biológicas e antiga Assistente da Secção de Zoologia e Antropologia da Universidade do Porto. Publ. nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, fasc. 3-4, vol. XII, Porto, 1949.

DA TATUAGEM «NEMBO» ENTRE OS WA-YAO. — Por MIGUEL JOSÉ VIANA. Este trabalho foi feito por sugestão e orientação do chefe da «Missão Antropológica de Moçambique». O autor estava em 1946 como chefe de posto em Muembe (Niassa). O trabalho foi publicado pela «Agência Geral das Colónias». *Boletim Geral das Colónias*, Lisboa, 1947.

INTELIGÊNCIA GLOBAL DOS MACUAS. — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO, Adjunto da chefia da Missão e Chefe da Brigada de Psicotecnia. Publ. no Tomo v, 4.<sup>a</sup> Secção, Ciências Naturais do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa, 1950.

NOTA SOBRE O MUZIMO DO ABRIGO COM PINTURAS RUPESTRES DA MAVITA. — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR e LUÍS DOS SANTOS. Publ. id. id. id.

Trabalhos em via de publicação :

NOTA SOBRE TATUAGENS NOS PRETOS DE MOÇAMBIQUE E NECESSIDADE DO SEU ESTUDO URGENTE. Por Prof. SANTOS JÚNIOR. Trabalho apresentado ao 1.<sup>o</sup> Congresso Nacional de Etnografia e Folclore realizado em Braga, em Junho de 1956.

AINDA O CONCEITO ECOLÓGICO DA ETNOGRAFIA. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR. Idem.

A ETNOGRAFIA NO QUADRO DAS CIÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR. Idem.

ALGUMAS MÚSICAS INDÍGENAS DA REGIÃO DE MARRACUENE (MOÇAMBIQUE). — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR. Idem.

O ENSINO PRIMÁRIO EM MOÇAMBIQUE. — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO. Trabalho enviado ao Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra, Junho de 1956.

MUTILAÇÕES DENTÁRIAS EM POPULAÇÕES DE MOÇAMBIQUE. — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR, Ajudante da Missão. Trabalho apresentado ao Congresso de Málaga da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, em Dezembro de 1950.

Trabalhos em preparação:

MICROCÉFALO DA TRIBO GORONGOSA. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.

ÍNDICE CEFÁLICO NOS PRETOS DE MOÇAMBIQUE. CARTA DE ISARITMAS. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.

- BANTOS ORIENTAIS E BANTOS MERIDIONAIS. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- PINTURAS RUPESTRES DE MOÇAMBIQUE. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- FECUNDIDADE FEMININA E NATALIDADE INFANTIL EM ALGUMAS TRIBOS DO NIASSA E DA ZAMBÉZIA (MOÇAMBIQUE). — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- TABLEAU POUR LA FORME GÉNÉRALE DES CHEVEUX DES NÈGRES. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- LA MISSION ANTHROPOLOGIQUE DE MOZAMBIQUE. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- A TATUAGEM NA TRIBO DOS MACONDES (MOÇAMBIQUE). — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- NOVOS ACHADOS DE PINTURAS RUPESTRES EM MOÇAMBIQUE. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- CARTA ETNOLÓGICA DA REGIÃO A SUL DO SAVE (MOÇAMBIQUE) ANTES E DEPOIS DA 6.<sup>a</sup> CAMPANHA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA. — Por Prof. SANTOS JÚNIOR.
- NÍVEL INTELECTUAL DAS CRIANÇAS PRETAS DE MOÇAMBIQUE. — Por Dr. ANTÓNIO AUGUSTO.
- NOTAS SOBRE O ÍNDICE ESQUÉLICO NALGUNS NEGROS DE MOÇAMBIQUE. — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR.
- MUTILAÇÕES AURICULARES EM POPULAÇÕES DE MOÇAMBIQUE. — Por JOAQUIM NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR.
- NOTAS ETNOGRÁFICAS DOS NEGROS DE MANICA E SOFALA. — Por SOARES DE CASTRO, ajudante da 3.<sup>a</sup> campanha da Missão (1945).
- CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA TATUAGEM DOS NEGROS DE MANICA E SOFALA. — Por CÂNDIDA PESSANHA SOARES DE CASTRO, auxiliar voluntária da 3.<sup>a</sup> campanha da Missão (1945).

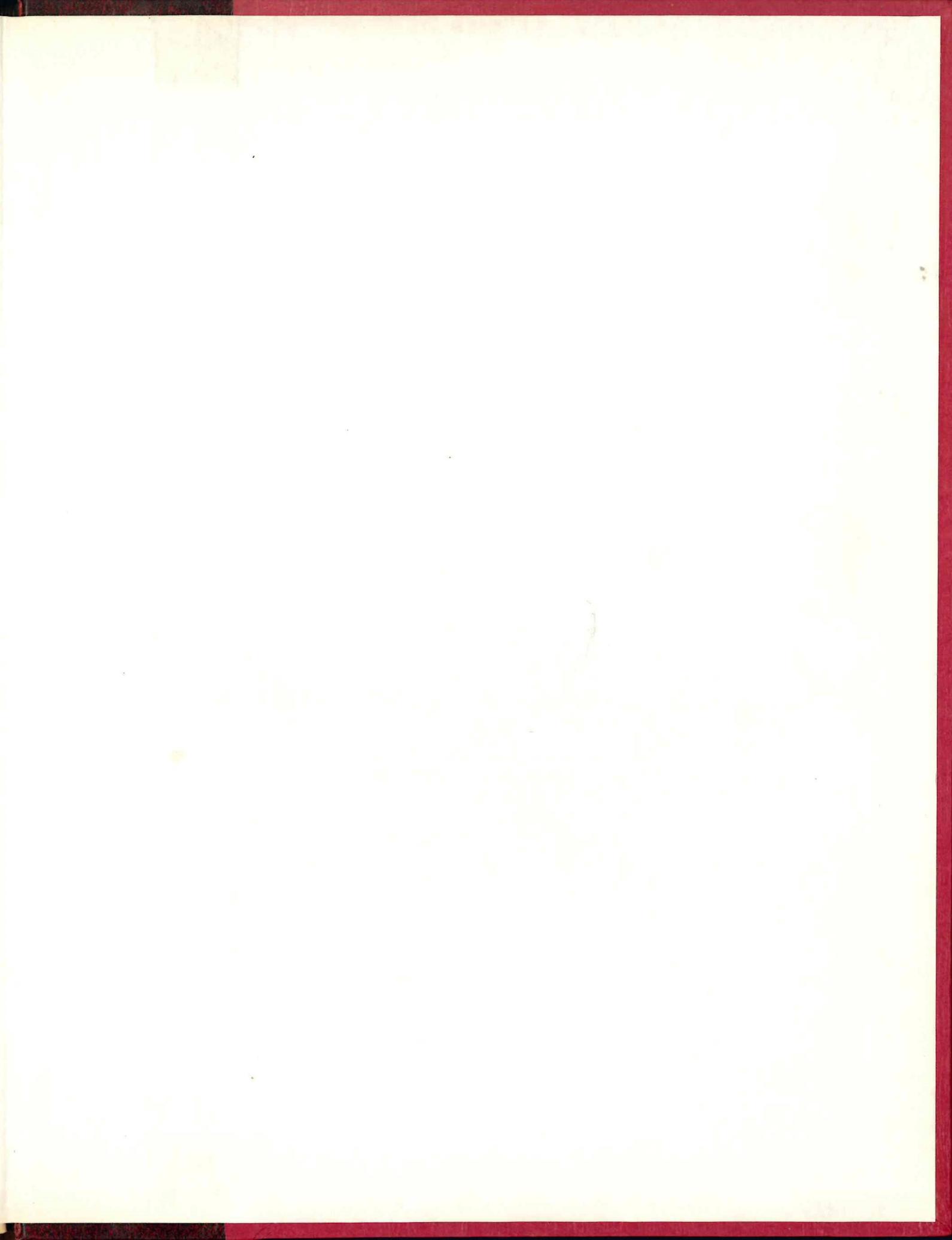












biblioteca  
municipal  
barcelo



11553

Antropologia de Moçambique

(B)  
57  
SA